Archeologia de Trás-os-Montes

1. Antas no concelho de Villa Pouca de Aguilar

(Continuação. Vid. o Arch. Port., II, 83)

Da região dolmenica mais importante de Trás-os-Montes pelo número de antas e natureza dos objectos encontrados na sua exploração (Arch. Port., II, 1), feita pelos nossos amigos P.'es Brena e Rodrigues (Arch. Port., I, 36 e 346), coube-me o estudo de uma, a do alto da Caturina. Situada no vértice de um outeiro, que avulta no princípio da serra da Alvão, próximo à povoação de Carrazedo, sobranceiro às antas das Arcas (Arch. Port., I, 346), na planura denominada Chã, vê-se ella a grande distancia com a sua primitiva fórma arredondada.

Ao meu particular amigo Antonio Lopes Martins, que teve a amabilidade de me acompanhar ao local da anta, devo as duas photographias que junto a esta nota, as quais representam, uma (fig. 1.ª) a vista geral do sítio dos dolmens em que se distingue bem o do alto da Caturina (n.º 1) e com os n.ºs 4 e 5 os dolmens figurados nas gravuras do Arch. Port., II, 232 e 233 (cujas photographias foram tiradas na mesma ocasião que estas), e a outra (fig. 2.ª), unicamente a do dolmen do alto da Caturina, que vou descrever muito rapidamente.

De forma quasi circular, de 10 a 12 metros de diâmetro, formado por pedreiros de quartzo e terra, o tumulus sofreu na sua parte superior os ataques dos habitantes de Carrazedo para tirarem a tampa ou capa do dolmen, o que levaram a efeito no tempo dos Franceses, aproveitando-se d'ella para uma lareira.

Aberta a camara do dolmen, vê-se que tem servido desde essa época para abrigos dos pastores durante os rigores do inverno e do verão, metendo-se dentro d'ella pela abertura do vértice e indo entulhando-a.

1 Cfr. Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitânia, I, fig. 71.ª
Fig. 10 - Vista geral das aldeias de Carrazelo (município de Viãa Fornãa do Aveiro)
com as pedras e terra que se encontrava aos lados e que em tempo cobriram a mesa.

Desentulhou-se a câmara e notou-se que esta é de forma polygonal heptaédrica, muito próxima da circular, de 2\textsuperscript{m},50 de diâmetro, formada de sete monolitos de 2\textsuperscript{m},20 de altura, 0\textsuperscript{m},70 a 0\textsuperscript{m},90 de largura, de 0\textsuperscript{m},30 de espessura, tendo todos a mesma altura, menos o esteio correspondente à entrada da galeria na cripta, que assentando nas paredes d'aquella, tinha apenas 1\textsuperscript{m},80 de alto. Os monolitos são imbricados, inclinados para dentro, e formam um ângulo de 60 a 70 graus, sendo o monolito que se encontra no eixo da galeria e da cripta o ponto commum de apoio dos outros.

Conservava-se intacta a galeria, que, como quasi todas as que tenho visto, está orientada de NO. a SE., e é formada por esteios de 0\textsuperscript{m},80 de alto; collocados parallelamente, e cobertos de grossas lousas de granito.

A entrada da galeria na câmara não era fechada, mas não se dava o mesmo na saída para peripheria do dolmen, que estava tapada por uma lousa de granito de 0\textsuperscript{m},15 de espessura, tão solidamente firmada por algumas outras lousas mettidas verticalmente («de tição» na frase dos pedreiros) ao longo da face externa da porta, que foi preciso trabalharem tres homens quasi meio dia para a tombarem.

Todas as pedras da câmara e da galeria são de granito de grão grosso, trazidas com grande custo de alguns quilometros de distancia.

O comprimento da galeria não é superior a três metros.

A altura de 0\textsuperscript{m},80 tornava impossível a entrada na câmara a um homem de pé.

Não houve tempo de explorar a galeria; limitaram-se os trabalhos ao recinto da câmara, que estava atulhado de pedras pequenas e de terra, sendo o pavimento formado por pedras de pequenas dimensões unidas umas às outras, à maneira de calçada portuguesa, e assente em saibro duro.

Foi pequena a colheita de instrumentos de pedra: uma enxó, uma goiva, um cristal de rocha com a forma de perfurador, um pequeno triturador ou polidor, e dois fragmentos de uma faca de silex.

\textit{Enxó.}—É de schisto ardosiano, de 0\textsuperscript{m},072 de comprimento, de 0\textsuperscript{m},048 de largura na base e 0\textsuperscript{m},03 na parte oposta a esta; de gume muito bem polido e formado à custa da face anterior principalmente, desengrossada na extremidade inferior, sem facetas determinadas, levemente convexo, não sendo polidas as duas faces da enxó nem os bordos; que são bastante irregulares, nem o vertice, mas escabrosos e por alisar.
Goiva.—É um instrumento perfeitamente polido em toda a sua superfície, rolício, com uma depressão na face correspondente ao gum e uma saliência de forma convexa na face oposta, dando a configuração do instrumento a maior semelhança possível com a forma do dedo indicador, apresentando na extremidade mais grossa um gum curvilíneo com tal perfeição e brilho que à primeira vista se classifica como goiva, e terminando na extremidade mais estreita em ponta romba, um pouco deteriorado num lado da mesma, que se encontra lascado. É amarela carregada a cór da superfície, devido ao terreno em que permaneceu até 1890, em que predomina a argilla amarela, mas depois de levemente raspada em qualquer ponto do corpo a goiva aparece com a cór de chumbo.

Perfurador.—Tem a forma de piramide conica, é de cristal de rocha, de 0\textdegree,07 de comprimento, de 0\textdegree,02 de largura na base e 0\textdegree,002 no vértice que está fracturado.

Triturador ou polidor.—É de forma cilíndrica pouco regular na secção elíptica 0\textdegree,042 de comprimento, de 0\textdegree,025 de diâmetro, tendo uma das bases quasi plana e a outra convexa com uma falha muito sensível. É de granito e não parece ter prestado grandes serviços.

Faca de silex.—No acto de exploração quebraram os trabalhadores uma faca de que apareceram apenas dois fragmentos, faltando o do centro que, por mais que se procurou, não se encontrou. Era uma faca de quatro faces, sendo perfeitamente lisa a que dava para o centro do nucleo de silex de que foi separada; é muito pouco nas faces restantes, estreita (0\textdegree,018 na parte mais larga) e terminando o fragmento mais extenso por um tetraedro de pequenas dimensões, oblíquo em relação ao eixo longitudinal da faca com três arestas muito afiadas. O comprimento de fragmento maior é de 0\textdegree,10, e o do menor 0\textdegree,07, denotando este ter sido separado por ambos os topos do resto da faca.

Durante a exploração caiu para dentro da camara o monolítico que servia, como disse acima, de ponto commum de apoio aos restantes: e lá se deixou ficar, por não ser facil a sua remoção.

Depois dos trabalhos que fiz executar, diz-me o Rev. da P.º Rodrigues Rafael que fora ao dolmen e que encontrara alguns objectos, os quaes não ofereciam circunstancia digna de menção.

2. Pesos de barro romanos

Bujões, freguesia de Abbaças, é até o presente a povoação do concelho de Villa Real que tem dado á arqueologia maior numero de objectos. Alem de sete machados de bronze, uma chave de cobre e um capacete de bronze, que se perdeu, tem no seu termo um capitell de co-
lumna, os restos de um forno circular de grande diâmetro, com duas columnas cilíndricas no meio, formadas de tijolos e argila vermelha, e sepulturas abertas na pedra, dentro de uma das quais dizem os habitantes de Bujões que foi encontrada uma corrente de ouro, vendida no Porto a um ourives, já há bastante anos. Ahi foram também encontrados por uns cavadores numa vinha quatro pesos de barro, todos desiguais, e de argila vermelha muito bem cozida, sem letras de especie alguma, e só alguns com traços.

N.º 1—É de forma de pyramide de base rectangular, de 0\textsuperscript{m},098 de comprimento, de 0\textsuperscript{m},052 de largura nos lados mais extensos, e 0\textsuperscript{m},043 nos mais curtos, truncada, tendo no vertice 0\textsuperscript{m},032 nas faces mais extensas do rectangulo, e 0\textsuperscript{m},03 nas menos extensas.

![Figuras 1 a 4](image)

Pesa 330 grammas e tem numa das faces mais largas duas linhas obliquas cruzadas no meio.

N.º 2—Tem configuração semelhante, e pesa 215 grammas.

N.º 3—É da mesma configuração, mas tem os angulos abatidos, o que torna o exemplar arredondado. Pesa 260 grammas e tem duas linhas obliquas cruzadas no meio, no vertice do peso.

N.º 4—De forma prismatica, secção elliptica. Pesa 150 grammas.

Todos estes objectos os ofereci ao Museu Etnologico Portugues, onde hoje estão.

3. Diversas noticias archeologicas de Villa Pouca de Aguilar

Neste concelho, tão rico de antiguidades dolmenicas, não faltam também restos da civilização romana.
1. Na freguesia de Villa Pouca, perto da casa em que vive a minha família, numa propriedade denominada Geia, há alguns anos que fragmentos de tijolos vermelhos, grossos, com forte rebordo muitos d’ellas e a pedra molhê dos moinhos de mão romana se encontram em grande quantidade, num soute contiguo à propriedade cultivada de milho grosso, feijão e batatas.

O caseiro d’esta propriedade, Manoel dos Sousas, já falecido, um dos maiores credulos que tenho conhecido, em thesouros encantados, levantou com o arado no tergo superior do terreno (ao poente) grandes porções de limafla de ferro. Despertada a curiosidade por esta limafla, tratou de procurar o thesouro, escavando, e chegou a descobrir tres ou quatro pequenas casas (as paredes) quadradas, de 2 a 2m.5 de lado, formadas por pedras de granito de grão grosso, de alvenaria, unidas umas às outras, sem sinal de comunicação, nas fendas descobertas.

Estiveram expostas durante algum tempo, e atraíram a atenção de muita gente.

Desenganado o homem de que não era ali que estava a realização dos seus sonhos, cobriu-as outra vez, e fez a sua sementeira de milho, como nos outros annos, e lá ficou tudo como d’antes.

Seriam construções romanas ou restos de uma povoação chamada Condado, a que se refere o foral, dado ao concelho de Villa Pouca, ou Aguair da Pena, por D. Afonso III e reformado por D. Manoel? O foral, em bom pergaminho, existe na secretaria da camara de Villa Pouca de Aguair em optimo estado, assim como o de Alfarello de Jalles (concelho extincto).

Da povoação do Condado resta apenas a casa onde eu nasci, desaparecendo aquella, assim como outras, Calvos Penousal, etc.

2. Alem de varios castellos, como o de Aguair, que ainda se mostra soberbamente sobre o seu colossale penedo, com uma bella sala abobadada, parte de outras dependencias; com uma seteira completa e outra arruinada já, trincheiras, e grande montão de pedras, que os lavradores da povoação (Castello) deitaram abaixo, para a feitura de paredes e de casas, parando na sua obra de destruição, depois que não precisaram de mais pedra, e a camara prohibiu tal vandalismo: ha restos do Castello de Cidadelha, Rebordechão, Soutello de Matos, Cidadelha de Jalles, etc.

O Castello de Cidadelha de Jalles, que não pude ainda examinar de perto, é muito digno de atenção. Possuo d’elle uma descrição feita pelo proprietario e meu bom amigo, Hermenegildo dos Reis Teixeira, que me deu duas lapides romanhas, e muitas informações acerca de antiguidades na freguesia das Tres-Minas (S. Miguel de).
Conjuntamente com o estudo do Castello, devem merecer a atenção dos profissionais umas grandes vallas que se estendem desde o sopé do Monte da Presa, por baixo do Campo, até o Castello ou perto d'elle. Nas Memorias do Arcebispad o de Braga, de Contador de Argote, vem mencionadas, mas por pessoa de boa vontade apenas.

3. Na freguesia de Tres-Minas, onde ha muito que estudar, não esquecendo a igréja da freguesia, que é composta de uma parte antiga, de arquitectura gotica e outra moderna; em duas pedras esmiliadas, segundo me diz o meu informador, situadas entre a porta da sacristia e a porta travessa, ha duas inscripções, numa das quaes elle apenas pode tirar as letras IIIX e na outra $E_\text{R} \cdot \text{L}_4$, não estudando o resto por estar a pedra muito gasta pelo tempo.

Da porta principal, da porta travessa e do arco da igréja, tenho desenhos feitos pelo meu bondoso e intelligent informador, dos quaes publico umas copias, por me parecerem dignas de atenção. Entre o arco da igréja (figs. 1.ª a 3.ª) e o altar-mor, do lado direito, está metida na parede debaixo de um arco um tumulo de pedra de grandeza ordinaria, descaindo as duas faces da tampa d'elle para os lados direito e esquerdo e formando um angulo de 45º aproximadamente. Na face voltada para a capella-mor encontram-se cinco flores de lis na disposição da fig. 4.ª, na outra face para a parede uma espada, segundo a mesma figura. É de granito o tumulo e bem lavrado, assim como os ornatos (cruz e flores). Não tem inscripção nenhuma, nem reza a tradição local da pessoa a quem pertenceria. Esta freguesia tinha muitas propriedades pertencentes à commenda do Marques de Pombal, e o Contador de Argote refere-se ao commendador D. Gregorio Castello Branco.

Na Veiga dos Valles, povoação d'esta freguesia, encontram-se grande numero de tijolos, de 60 a 70 centimetros quadrados, restos de vasos grandes, de cassarolas (?) (segundo o meu informador) e muitos outros objectos de barro.

Ha tres para quatro annos apareceu ahi grande quantidade de moeadas de prata de Augusto, todas do mesmo cunho e novas em folha (n.º 573 do Catalogo das Moedas do Museu D. Luis, de Teixeira de Aragão).

Na veiga de Covas, perto dos celebres lagos de Covas e Ribeirinha, de que me hei de ocupar um dia, é frequente levantar-se com

\[ ^1 = \text{era millesima...?} \]
o arado, tijolos, mos de moinhos, broeiras (pedras para biritar minerios), em grande numero e ultimamente uma pedra com uma inscripção, da qual darei descriçao logo que possa.

Não porem fim a esta noticia, sem fallar de uns niveis formados de terra e pedra nos diferentes montes, uteiros e collinas da fréguesia de Tres-Minas, a que chamam os habitantes levadas, os quaes, partindo
do rio Tinhella e dos ribeirinhos que afluem a este, se dirigem para as minas da Ribeirinha e para as de Revel, e para outros logares.

São muitos, parallelos entre si alguns, estão bem conservados, e serve um d'elles de caminho vicinal, na extensão de alguns quilometros, desde os moinhos de Guilhado até alturas da Fidalgo, tendo para o lado da parte inferior do moum um muro de schisto.

Ao nascer do sol, estes niveis ou levadas distinguem-se muito bem na encosta dos diferentes montes, uteiros e collinas, em que se acha
dividida toda a bacia do Pinhella para NE., na extensão de muitos quilómetros quadrados.

Alem dos níveis do Tinhella e seus ribeiros, situados na freguesia das Tres-Minas vêem-se outras que desceiam do rio de Curros (concelho de Valpaços) para Ceivas e minas da Ribeirinha.

Se, estudando este ponto obscuro, observarmos que os níveis se não limitavam às minas de Revel e Ribeirinha; que ha indícios de se dirigirem igualmente às povoações de Tres-Minas, Granja e Valles, todas três distantes das minas da Ribeirinha e a nascente e sul d’estas; que nos Valles se tem já descoberto vestigios dos Romanos e que as minas da Ribeirinha eram tão grandiosas, que deviam ocupar na sua lavra muitos milhares de pessoas; e que não eram só estas as exploradas, mas também as de Revel: parece poder sustentar-se a hypothese de que o destino dos níveis ou levadas era conduzir água para a lavra das minas e para abastecimento dos trabalhadores.

Não me parece que possa admitir-se a hypothese do que a água fosse também para a rega das terras altas, porque não havia a cultura do milho ou batata nesses tempos, nem os terrenos altos da freguesia das Tres-Minas são proprios para lameiros; e nos pequenos valles, que forma a intersecção das collinas e montes, não era precisa agua conduzida de tão longe, porque a ha de sobra.

Fosse qual fosse o fim para que se conduziam as aguas de tão grandes distancias, vê-se o dedo do povo-rei, nesta obra, assim como nas minas da Ribeirinha, cujos restos é preciso verem-se de perto, para se poder fazer ideia do que ellas foram ha seculos.

O que diz o Contador de Argote é muito deficiente e incompleto, como tenciono provar um dia. No rio Pinhella, um pouco acima da povoação chamada Pinhella de Baixo, ha uma parte ainda de um grande açude para derivar a agua d’aquelle para uma das levadas, a qual dá ponto para as minas de Covas e Ribeirinhas (Lagos como lhe chamam) ou para as de Revel. É o que posso informar actualmente.

4. Não desejando alongar de mais esta nota, termino falando numas ruínas prehistoricas ou protohistoricas de que tenho conhecimento por informações do meu respeitabilíssimo amigo, Dr. A. de Moraes Sarmento. Quando elle foi encarregado do estudo da diretriz do caminho de ferro pelo Valle do Tamega, no riquissimo tracto do terreno, desaproveitado, e que poderia dar muitos milhões de hectolitros de trigo, e boa laranja, encontrou entre Parada de Monteiros e Monteiros, no sitio denominado Frades, na margem esquerda do rio, os restos de uma povoação de casas circulares em grande numero, arruadas, que estreitavam de baixo para cima de modo que tomavam a forma conica.
Todas estas casas estavam encerradas por um muro quadrado de 30 a 40 metros, tendo mais, ou pouco mais de um metro de largura, e de pouca altura.

Do lado do rio vê-se uma calcada, assemelhando-se a um cais, que dá acesso para o Tamega, que corre engasgado entre rochas de um e de outro lado.

Pela sua situação a um nível muito baixo em relação aos terrenos adjacentes não parece um castro ou ponto fortificado, mas simplesmente uma povoação defendida das feras pelo muro, que nesta região deviam ser muitas e variadas.

Ainda actualmente, lobos e javards fazem das suas proezas todos os anos.

É difícil o acesso a esta povoação, por estar situada na margem esquerda do Tamega, entre matas tão espessas que, para a elaboração do traçado, tinham de ir homens adeante dos engenheiros a cortar as arvores e arbustos, porque de outro modo não se podia romper.

Villa Real de Trás-os-Montes, 18 de março de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

Nova lapide funerária dos suburbios de O lisipo

Alguns trabalhadores da Camara Municipal de Lisboa, que procediam ao córte do talude da Avenida de Ressano Garcia, no local fronteiro ao edificio do Mercado Geral de Gados, encontraram num dos ultimos dias de Agosto de 1903 a lapide funeraria romana que se mostra na fig. seguinte:

![Image of lapide funerária](image)

e em que se lê: D(iis) M(anibus) — LICINA — HELENE — ANN(orum)

XL — H(ic) S(itam) E(sta).